

**As Viagens e o Turismo pelas lentes do Deficiente Físico praticante de esporte adaptado:
um estudo de caso (1)**

Ms. Renata Ramos Goulart (2)

Dr. Airton Negrine (3)

Resumo: O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar as percepções que os deficientes físicos que fazem parte do Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física de Caxias do Sul-RS-Brasil – CIDeF apresentam em relação aos destinos visitados. Na condição de atletas, essas pessoas viajam para competir e, no intervalo dos jogos, realizam atividades turísticas, usufruindo da infra-estrutura destinada à prática dessas atividades. A metodologia apresenta-se na forma de um estudo etnográfico de corte qualitativo, trata-se de um estudo de caso. A pesquisa revelou que os atletas percebem que viajar tem importância para sua qualidade de vida e que as dificuldades encontradas apresentam-se principalmente sob a forma de barreiras arquitetônicas, como: o difícil acesso aos banheiros nos hotéis e a falta de ônibus rodoviário adaptado.

Palavras-chave: Turismo; Viagem; Deficiência física; Esporte adaptado; Barreiras arquitetônicas

1. Introdução

Estabelecer uma relação entre o esporte adaptado e o turismo, apresentou-se como um desafio interessante, o qual motivou a realização desta pesquisa. Relacionar o tema a conceitos, listar objetivos, buscar a resolução de uma indagação por meio de instrumentos, fizeram parte do processo desta investigação científica.

O esporte adaptado, como tema, é um fragmento de um tema maior que engloba portadores de necessidades especiais. Estudos de turismo com esse segmento social são ainda restritos no contexto brasileiro. Isso não significa que se deve abandonar a perspectiva de realizar estudos científicos, ao contrário, foi o foco motivador para definir a temática de estudo.

A expressão portadores de necessidades especiais costuma ser aplicada a todos os portadores de deficiências, sejam elas físicas, mentais, perceptivas ou múltiplas. Sabe-se que cada deficiência tem suas peculiaridades e complexidades. Para estudá-las, é fundamental particularizar o segmento que se vai estudar, para melhor compreender o fenômeno. O foco deste

1 Trabalho apresentado ao GT 04 “Turismo para pessoas especiais” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul/RS, 27 e 28 de junho 2008.

2 Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul e docente do Departamento de Educação Física da UCS, rrgoulart@terra.com.br

estudo, foi um grupo de pessoas dos gêneros masculino e feminino, portadores de deficiência física, que praticam basquetebol em cadeiras de rodas em Caxias do Sul/RS.

O esporte é um dos meios eficazes de inclusão e reintegração social, e serve como elemento desencadeador de promoção da saúde, fundamentalmente, quando praticado por pessoas portadoras de deficiência física, que compromete a locomoção, como é o caso do grupo estudado.

O deficiente físico com dificuldade de deslocamento encontra, no cotidiano, diferentes barreiras, desde o uso do transporte público até a falta de uma infra-estrutura arquitetônica nas cidades, que permita seus deslocamentos com mais independência. Por exemplo: passeios adequados para transitarem com cadeira de rodas e/ou banheiros públicos adaptados.

As reflexões preliminares objetivam focar a discussão quanto à inclusão e à acessibilidade do deficiente físico aos programas turísticos, já que, no Brasil, o turismo inclusivo apresenta um potencial indiscutível. Por outro lado, constata-se que o esporte adaptado vem crescendo a passos largos e, por extensão, suas vinculações com o turismo.

O esporte adaptado a cada dia vem ganhando destaque na mídia internacional e nacional, tanto que, após grandes eventos esportivos, costumam ocorrer jogos para os portadores de deficiências, que inclusive já possuem denominações próprias, como Jogos Paraolímpicos e Jogos Parapan-americanos.

A realização desses jogos pressupõe viagens, deslocamentos e hospedagens. Tudo isso tem uma resultante no fomento da atividade turística. O que se buscou investigar *é como o portador de deficiência física que participa de equipe de esporte adaptado, percebe as condições de acessibilidade nos lugares por onde transita.*

Acredita-se ser relevante que se discuta, a partir de estudos de cunho científico, as relações sociais desse segmento social com aqueles que promovem e agenciam o turismo decorrente do esporte adaptado. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para a tomada de ações práticas e efetivas que venham a contribuir para melhorar a inclusão e a acessibilidade dos portadores de deficiência física.

Sabe-se que já existe uma parcela de deficientes físicos ativa na sociedade; eles trabalham, estudam, têm família. Também dispõem de tempo livre para ser ocupado com atividades de lazer. Esse é um direito universal de todos os seres humanos. O turismo, no momento atual, cada vez mais é uma alternativa de lazer que as pessoas buscam para desfrutar o tempo livre.

Logo, o turismo se constitui em uma alternativa de lazer, com diferentes representações significativas para as pessoas que o elegem. O deficiente físico que participa de equipes de esportes adaptados acaba sendo turista, uma vez que as viagens e os deslocamentos fazem parte

das práticas esportivas. Convém saber deles com quais facilidades e dificuldades se deparam, por serem elementos relevantes aos gestores de turismo e para aqueles que promovem esportes adaptados.

2. Cenário de estudo: Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física - CIDeF

A fim de delimitar o campo de estudo, a população da investigação é um grupo de deficientes físicos do Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física (CIDeF), que desenvolve atividades esportivas com o apoio da Universidade de Caxias do Sul – UCS e da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. O grupo está estruturado desde 1996, e até a realização desta pesquisa, contava com a participação de vinte e cinco (25) atletas, distribuídos nas seguintes modalidades esportivas: basquetebol, tiro, luta de braço, levantamento de peso, tênis de mesa e canoagem, embora alguns poucos pratiquem mais de uma atividade.

Esse grupo por participar de diversas competições em nível regional, nacional e internacional, realiza viagens constantes. Devido a tal circunstância, costumam, nos períodos em que não estão competindo, realizar passeios nos destinos em que têm a oportunidade de conhecer.

Lê-se, num texto do CIDeF a seguinte afirmativa:

O esporte adaptado é o melhor meio para fazer com que a pessoa portadora de deficiência saia de casa, conquiste independência, conheça novos lugares e acima de tudo seja mais feliz. Mesmo em uma cadeira de rodas ou usando muletas a pessoa deve saber que ela tem potencial para praticar um esporte e nele poder dar o melhor de si em iguais condições que seus companheiros. (2005)

Refletindo sobre essa afirmação pode-se deduzir que o esporte pode ser um indutor do turismo, no momento em que a pessoa portadora de deficiência física adquire autonomia e pode viajar sozinha, por exemplo. Portanto, a escolha por estudar os portadores de deficiência física, praticantes de esporte adaptado foi um desafio, já que esse cenário esportivo mostra-se fértil e é capaz de trazer contribuições significativas aos estudos em turismo.

Os atletas do CIDeF são todos portadores de deficiência física, mais especificamente, portadores de paraplegia; de amputações dos segmentos inferiores (pernas) e de seqüelas de poliomelite e mielomeningocele.

As viagens, como variáveis, devem ser entendidas tanto aquelas que os participantes realizam com finalidade de passeio, quanto as realizadas para competir pela UCS.

As condições de acessibilidade se referem às facilidades e dificuldades encontradas para locomoção, hospedagem e alimentação de forma independente.

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de tipo etnográfica de corte qualitativo, nas especificidades e na perspectiva dos atores que fizeram parte do processo investigatório. Trata-se de um estudo de caso, uma vez que os participantes pertencem ao grupo esportivo, CIDeF, que recebe apoio da Universidade de Caxias do Sul e da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e que viajam em função desse *status* social.

O foco central da investigação foi verificar a percepção que os integrantes do CIDeF têm, com relação às viagens, sejam elas a passeio com familiares ou amigos, sejam para participar de competições esportivas, ou não. Tal questão norteou a estruturação dos instrumentos para a coleta das informações, sendo eles: A análise documental, a entrevista e a observação, conforme quadro 1.

| INSTRUMENTOS UTILIZADOS | QUANTIDADES |
|----------------------------------|--------------------|
| Análise documental | 11 |
| Entrevistas | 15 |
| Observações | 54 |
| Total de instrumentos analisados | 80 |

Quadro 1: Síntese dos instrumentos utilizados

Destaca-se que, desde o início, todos os membros do CIDeF foram informados sobre a realização da pesquisa, incluindo-se aí o presidente da associação, o técnico da equipe masculina e os atletas. A pesquisadora teve o cuidado de conversar com todos, explicar suas intenções, ouvir a concordância e de se comprometer com os procedimentos éticos na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas.

4. Discussão das informações

As categorias de análise foram estruturadas com a finalidade de sistematizar as informações coletada a partir dos instrumentos, levando a discussão dessas informações. As categorias analisadas são as seguintes: *1 Perfil dos deficientes físicos estudados, 2 Experiências e viagens: destinos significativos e 3 Percepções dos deficientes físicos frente às condições de acessibilidade.*

4.1 Perfil dos deficientes físicos estudados

No caso específico do grupo de deficientes estudados, pode-se observar que eles buscam crescer também como cidadãos e estão sempre lutando por seus direitos. As pessoas portadoras de deficiência entrevistadas, sendo 15 integrantes do CIDeF, 11 homens e 4 mulheres, com algum tipo de comprometimento físico de causas adquiridas, por acidentes ou doenças crônico-degenerativas que totalizam 12 pessoas. Dos 15 participantes, 3 apresentam deficiências físicas provenientes de causas congênitas.

A troca de experiências também acontece entre os integrantes do CIDeF, que, além de treinar e jogar, aproveitam o tempo de convivência do grupo para conversar sobre suas angústias e sobre suas conquistas, como observado e dito pelo participante E10, que contou um fato interessante, que é comum para os cadeirantes. Disse que ele havia sido confundido com um esmoleiro e que inclusive recebeu alguns trocados. Tal atitude mostra que o estigma de incapaz e de alguém que precisa sempre de caridade assombra o cadeirante. (SASSAKI, 2005).

A fala do participante E7 (andante) merece destaque. Diz que trabalha em um dos setores administrativos de uma grande empresa da cidade, recebe dela uma bolsa para seus estudos de graduação, o que comprova que os pensamentos ultrapassados podem sim dar lugar a atitudes inclusivas, que geram oportunidades para todos. Exemplos como os de E10 e E7 são comuns no CIDeF: há preconceito de um lado, mas há conquista e reconhecimento de outro.

No caso da maioria dos integrantes do CIDeF, pelas suas condições socioeconômicas, eles são, em grande parte, aposentados pelo INSS. Recebem uma aposentadoria para cobrir as despesas pessoais e suprir os gastos da família. Essa situação não permite uma vida com sobras financeiras. Alguns têm renda adequada para suprir suas necessidades. Estes tiveram oportunidades e trabalham.

Em síntese, o perfil dos participantes do estudo é heterogêneo quando se analisa a origem social, as condições econômicas, a forma de pensar e de encarar a deficiência. O ponto em comum do grupo é que todos são portadores de deficiência física e participam de um grupo socioesportivo onde praticam esporte adaptado.

4.2 Experiências e viagens: destinos significativos

As primeiras experiências turísticas de grupos portadores de deficiência física são bem recentes. Sassaki (1997) afirma que foi somente na década de 70 que surgiram as primeiras excursões turísticas organizadas por agência de viagens, para pessoas deficientes e, inicialmente, para as pessoas que utilizam cadeira de rodas. Isso tudo começou em países desenvolvidos. Diz o autor que eram excursões fechadas, exclusivamente com pessoas deficientes e que havia muitas dificuldades para organizar as excursões, uma vez que, naquele tempo, eram poucos os lugares

turísticos no mundo que estavam acessíveis aos usuários de cadeira de rodas, sem contar a total inacessibilidade a aviões, aeroportos, navios, portos, etc.

Como base nessa informação pode-se deduzir que organizar excursões somente para cadeirantes era uma forma sutil de segregação, uma vez que as viagens eram pensadas para não viajarem com as pessoas sem deficiência. O relevante disso tudo foi a idéia inovadora dos agentes turísticos que promoveram esses eventos. A partir de então, o deficiente pode sair e buscar suprir as motivações que levam um indivíduo a deslocar-se de sua residência para outro destino.

O deficiente físico também quer aproveitar os benefícios que uma viagem oferece. Krippendorf (2001) enfatiza que se viaja para encontrar uma compensação daquilo que falta no cotidiano, para tudo que desapareceu. O deficiente físico viaja, para libertar-se da dependência social, desligar-se e refazer energias, desfrutar da independência e da livre disposição do próprio ser, entabular contatos, descansar, viver a liberdade e procurar um pouco de felicidade.

Ao sair do meio social em que vive, é possível ter um pouco de liberdade, um pouco mais de autonomia. Liberdade e autonomia são para o deficiente físico mais do que simples palavras, representam conquistas, que, mesmo pequenas, proporcionam um ganho significado. O participante E8, andante, disse o seguinte:

Mas a viagem é muito importante pra nós que temos esse problema de deficiência, isso é muito importante porque a pessoa não fica trancada em casa. A pessoa conhece outras pessoas. A convivência muda totalmente. Conhecer outros lugares, viajar de avião, nossa, é bom demais.

Viajar acaba sendo para essas pessoas muito mais do que simplesmente sair de casa, viajar é uma oportunidade de viver com mais intensidade, e E12, andante completa: “Tu até esquece que tem deficiência.”

Mas viajar, vivenciar atividades turísticas de lazer implica despesas financeiras. A pergunta que se impõe é: como um grupo de deficientes físicos, que, em sua maioria, recebe uma aposentadoria do INSS, poderá desfrutar de tais atividades? A resposta: um pensionista do INSS, sem outras fontes de renda, não terá condições de realizar viagens de turismo. Nesse sentido, o esporte adaptado, que hoje pouco difere do esporte em geral, em termos de oportunidades de viagens, acaba favorecendo de forma positiva a inclusão social dos deficientes físicos vinculados a equipes esportivas.

E, no caso do CIDeF, a viagem também acaba sendo um estímulo a mais para os treinamentos dos participantes do grupo, como relata E8, andante:

Pro portador de deficiência, [...] quando chega o dia do treino, eu só penso naquilo ali. To loco que chegue o dia do treino pra mim vir treiná. Dá uma viagem, eu também quero ir.

Isso porque as viagens que são feitas pelo grupo são significativas para essas, pessoas e todos possuem sempre boas lembranças, como a viagem a Vitória/ES em 2005. Além da euforia de participar de um campeonato de basquete sobre rodas, em nível nacional, a chance de viajar de avião só foi possível para a maioria por serem atletas e participarem de uma equipe. Se não fosse essa condição, dificilmente teriam tal experiência.

Em Vitória, nos intervalos dos jogos, foram realizados passeios aos pontos turísticos da cidade. Isso também foi, para muitos dos atletas, a primeira oportunidade de tomar banho de mar. Ainda em Vitória, o fato de serem bem recebidos foi fundamental para tal sucesso. E8, andante, contou que saíram para conhecer a cidade e tudo já estava pensado pelos organizadores do evento. Tal atitude dos gestores daquele evento se caracteriza como aspecto positivo e de relevância, por tratar-se de uma competição para portadores de deficiência física.

O grupo do CIDeF realizou muitas outras viagens, já que a condição de atletas enseja muitas viagens para competir. A equipe do CIDeF participa do Campeonato Gaúcho, da Liga Sul e do Campeonato Brasileiro.

Fora do contexto esportivo, as viagens dos participantes estudados não ocorrem com frequência. Ainda assim, os que viajam, relataram que os principais destinos são as praias. Buscam o sol e o mar para satisfazerem seus desejos de descanso e para passeios com amigos e com a família. Aqueles deficientes físicos que apresentam melhores condições socioeconômicas realizam com mais frequência atividades turísticas. A participante E7, andante, já foi para o Rio de Janeiro, São Paulo, Litoral catarinense, Nordeste e Fernando de Noronha. Em suas viagens costuma estar acompanhada pelos pais. E a participante E1, cadeirante, que foi visitar o Parque de Lazer Beto Carreiro-SC com um grupo de amigos, contou que o parque é acessível e que já o visitou mais de uma vez pelas facilidades de acesso e locomoção.

O portador de deficiência física dificilmente viaja sozinho, o que Pertille (2005) também afirma como conclusão da pesquisa que fez com esse extrato social. Gómez (2004) destaca que as pessoas com necessidades especiais constituem uma parte importante do mercado turístico em crescimento e que a oportunidade de viajar desperta um interesse cada vez mais crescente a essas pessoas e aos seus acompanhantes.

A participante E7, andante, contou que, em sua última viagem, a que fez a Fernando de Noronha, o fato marcante, além da própria viagem em si, foi a hospitalidade. Contou que a tripulação do navio e as pessoas de modo geral sempre a trataram muito bem, fazendo com que se sentisse incluída, com plena participação nas atividades que desenvolveu. A hospitalidade, nesse caso, foi fundamental para que a participante E7 guardasse boas recordações da viagem.

Ser bem recebido fora de casa é fundamental para que as pessoas se sintam acolhidas e, no caso das pessoas com deficiência física, tal atitude é fundamental, pois elas procuram nos

anfitriões a segurança que, muitas vezes, não encontram no ambiente físico. As atitudes positivas amenizam as barreiras que o deficiente precisa superar para desfrutar das atividades turísticas.

4.3 Percepções dos deficientes físicos frente às condições de acessibilidade

Existem barreiras no próprio ginásio em que o CIDeF treina, como falta de vestiários adaptados com boxe de banho ou cadeiras plásticas. Outra barreira importante é o transporte, que, mesmo sendo adaptado, muitas vezes, por falha no sistema de agendamento, acaba por não servir ao seu usuário. Em algumas situações, o motorista do ônibus não busca o atleta, fazendo com que ele perca seus compromissos.

O fato de não existir no município um meio de transporte rodoviário adaptado, como um ônibus, as viagens mais curtas são feitas em veículos sem adaptação.

As percepções que esses indivíduos têm sobre suas viagens, e/ou experiências turísticas apresentam aspectos relevantes a serem abordados neste trabalho. Essas percepções destacam a importância de viajar e fazer turismo, mesmo com as dificuldades inerentes à sua execução plena.

De maneira geral, os portadores de deficiência física acreditam que as viagens são fundamentais, por facilitarem a inclusão social e possibilitarem que eles desfrutem dos benefícios que a atividade turística proporciona para seu crescimento pessoal e para sua qualidade de vida.

Os depoimentos dos participantes E1, E2, E4, E5, E12, E14 atestam que é importante viajar para poder conhecer outras pessoas e outros lugares. As viagens também fortalecem a integração do próprio grupo que viaja, sendo, na maioria das vezes, uma atividade gratificante que dificilmente será esquecida.

Nos locais em que são realizadas as competições, principalmente as de nível nacional, desfrutam de passeios fazendo turismo, como relataram os participantes E3, E8 e E9. Contaram que, nos intervalos do período de competição, realizaram passeios a pontos turísticos, principalmente em Vitória-ES. Embora a viagem tenha sido para competir, tornou-se também uma viagem turística.

Como o estudo em questão trata de viajantes portadores de deficiência física, as informações recolhidas apontam que as principais dificuldades encontradas nas viagens são as barreiras arquitetônicas.

As barreiras arquitetônicas representam, de acordo com a norma NBR 9050/1994 da ABNT: “o impedimento da acessibilidade, natural ou resultante de implantações arquitetônicas ou urbanísticas”. E, para que a acessibilidade seja efetivada, faz-se necessária a implantação do

Desenho universal, que, segundo essa mesma norma, é “aquele que visa a atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população”.

Os integrantes do CIDeF, que participaram da pesquisa, apresentam relatos sobre as barreiras que encontraram ao realizar as viagens. Com base nesses depoimentos, as barreiras arquitetônicas foram analisadas de acordo com as regulamentações da norma NBR 9050/1994 da ABNT, sobre acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos.

A principal barreira arquitetônica relatada pelos deficientes físicos participantes da pesquisa está no difícil acesso aos banheiros, em hotéis (E1, E4, E7, E8, E9, E14). De acordo com a norma NBR 9050/1994, os acessos aos sanitários devem ser livres, com uma área de manobra, área de transferência e de aproximação: “Estas áreas, com dimensões de 1,10m x 0,80m, devem permitir a utilização das peças sanitárias, podendo estar dispostas frontal ou lateralmente à peça, de acordo com a sua utilização.”

Na maioria das vezes, os cadeirantes encontram dificuldades em utilizar os banheiros dos hotéis, pois as adaptações feitas para atender às necessidades de um deficiente físico, que utiliza cadeira de rodas, não são ideais. Os participantes costumam dizer que, além de já sofrer com o preconceito por sua condição física, o deficiente ainda precisa passar pelo constrangimento de solicitar ajuda para utilizar o banheiro em ambientes estranhos, ou seja, fora de sua casa.

Disso tudo, ainda se pode depreender um aspecto positivo: o deficiente está saindo de casa sim, e seus depoimentos devem servir para sensibilizar os responsáveis por projetos arquitetônicos discriminatórios.

E, se o acesso ao banheiro já é difícil, chegar até o boxe do banho é outro desafio: Diz um participante:

Eu tinha de passar por duas cadeiras de plástico pra depois poder botar uma outra de baixo do boxe. Eu tinha de passar por três cadeiras pra poder chegar no banho. A dificuldade é grande.” (E14).

A norma NBR 9050/1994 também apresenta uma perspectiva para um sanitário completo, com acesso ao banho, sem que o cadeirante encontre dificuldades.

A disposição das peças em um sanitário e o espaço para a mobilidade entre elas proporcionam independência e comodidade a um usuário de cadeira de rodas. A utilização do sanitário não deve ser pensada apenas para quem apresenta membros inferiores saudáveis, sem qualquer comprometimento, mas para todos, pois, em uma sociedade com padrões culturais, o banheiro é essencial para que as pessoas, com ou sem deficiência, possam realizar suas necessidades fisiológicas sem constrangimentos.

No caso do CIDeF, destaca-se que, às vezes, mesmo nos locais da competição, as condições de acomodação e acessibilidade são difíceis para quem é portador de necessidades especiais. O participante E11, cadeirante, contou que, em uma competição em Porto Alegre, ficou alojado no terceiro andar, com a ressalva de que o prédio não tinha elevador.

Essa questão também foi apontada pelo participante E10, cadeirante:

Ginásio que a gente vai, também não existe adaptação pro deficiente. Tu qué tomá um banho, às vezes não tem nem uma cadeira de plástico pra tu tomar banho. Muitas vezes o cara senta até no chão pra tomar um banho.

A situação é mesmo complicada para quem usa cadeira de rodas. Alguns locais, onde as competições para portadores de necessidades especiais são realizadas, não apresentam condições mínimas de acessibilidade. Quando um evento é organizado, ele deve ser pensado em todos os aspectos, para que o mínimo de falhas aconteça, mas, em se tratando de uma competição para deficientes físicos, o acesso livre para cadeira de rodas, em todos os espaços, deveria ser a principal preocupação de quem organiza esse tipo de atividade.

Além dos sanitários, outra dificuldade encontrada pelo usuário de cadeira de rodas está no transporte. Geralmente, o meio de transporte utilizado pelo CIDeF, para a realização de suas viagens é o ônibus. Até o momento, sempre a associação utilizou ônibus sem adaptação, ou seja, sem acesso para cadeirantes. Nessas situações, os cadeirantes precisam ser levados por outras pessoas para dentro da condução ou sobem de arrasto pelas escadas. Como disse E4, cadeirante:

Tu tem que, a maioria tem que ser carregado pra dentro do ônibus. Como o ônibus tem corredor estreito, sabe, às vezes, até acontece de se raspar, se machucar, principalmente o paraplégico.

A norma NBR 15320/2005 da ABNT estabelece padrões de acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência física ao transporte rodoviário, e por meio deles, prevê como deve ser um veículo acessível, assim como os demais equipamentos necessários ao transporte rodoviário, como terminais e bilheteria. A norma também prevê situações de inoperância, em que diz: “Em caso de inoperância dos dispositivos mencionados em 5.2 a 5.4, deve ser prevista forma alternativa de acessibilidade. A empresa de transporte deve dispor de procedimentos e de pessoal treinado para prestar auxílio de embarque e desembarque com segurança.”

Pelo menos até o momento, nenhum dos participantes da pesquisa utilizou ou viu um ônibus rodoviário adaptado para o portador de necessidades especiais. Sempre que desejar viajar de ônibus, o cadeirante deve se sujeitar a ser carregado para dentro e para fora do ônibus. Como relataram E1, E3, E4, E7.

Dentro do que foi apresentado até o momento, percebe-se que as barreiras ainda são muitas, a estrutura física acessível disponível está distante da ideal e engana-se quem pensa que essas dificuldades são apenas das pessoas de baixa renda.

A dificuldade encontrada para se locomover de uma forma autônoma, gera nos deficientes físicos situações constrangedoras. Como seres humanos, essas pessoas têm dignidade e querem respeito por isso. Já está na hora de a sociedade tomar atitudes mais diretas para a resolução desses problemas. O desenho universal precisa ser mais do que um projeto, necessita ser uma obra concreta, para que todos possam se sentir membros de uma sociedade sem exclusão.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo apresentar as percepções sentidas por portadores de necessidades especiais – deficientes físicos – sobre suas viagens. O atletas portadores de necessidades especiais que fazem parte do CIDeF, percebem que viajar tem fundamental importância na melhoria da qualidade de vida, pois, além de sair de casa sem o auxílio da família, permite-lhes conhecer lugares, pessoas e culturas, ao mesmo tempo que as viagens fortalecem os vínculos afetivos do grupo.

As dificuldades encontradas apresentam-se, principalmente, sob a forma de barreiras arquitetônicas. As mais complicadas, na opinião dos participantes da pesquisa, são o difícil acesso aos banheiros nos hotéis e a falta de ônibus rodoviário adaptados. Essas situações geram constrangimentos aos deficientes físicos, uma vez que necessitam se sujeitar à boa vontade de algumas outras pessoas, para que possam realizar tarefas simples, como ir ao banheiro ou subir e descer de um ônibus. Isso não seria necessário se as condições arquitetônicas possibilitassem independência.

Embora encontrem ainda essas barreiras arquitetônicas e/ou outras de atitude, os atletas dizem que isso não é empecilho para realizarem viagens para competir, uma vez que as competições dão um significado existencial à vida de cada um.

Como aspectos positivos, relataram que as barreiras de atitude estão sendo rompidas, e que os preconceitos estão diminuindo. As pessoas estão começando a perceber que o deficiente tem potencialidades e que merece ser respeitado como ser humano. Isso se deve também à mídia e à relevância que vem sendo dada aos esportes adaptados.

É oportuno lembrar as relações históricas que existem entre esporte adaptado e as viagens como descreveram Adams et al. (1985). Os autores sustentam que o basquete sobre rodas é o primeiro esporte adaptado de que se tem registro. Seus primeiros praticantes eram

soldados americanos mutilados pela guerra, que queriam viajar pelo país para competir, mas não o faziam no início, devido à dificuldade com o transporte.

A promoção do esporte adaptado, o incentivo a sua prática e a organização de competições municipais, estaduais, nacionais e internacionais vêm favorecendo o desenvolvimento da infra-estrutura para atender esse público. Entretanto, apesar das melhorias já existentes, os deficientes físicos ainda encontram muitas barreiras em seus deslocamentos, como falta de transporte adaptado, de hospedagens adequadas as suas necessidades, para lhes permitir independência.

O que ficou evidente na pesquisa é que a oportunidade de saírem de casa, de viajarem, sem seus familiares, só foi possível, para a grande maioria dos deficientes participantes do CIDeF, quando se tornaram atletas de basquetebol em cadeira de rodas e passaram a fazer parte de uma equipe.

Com relação as motivações e as experiências turísticas das pessoas que fazem parte do CIDeF, pode-se destacar o seguinte: o motivo principal das viagens ser para competição, por se tratar de uma equipe esportiva, não impede que, nos momentos de folga, os atletas realizem atividades turísticas. Convém lembrar que se trata de um grupo de deficientes físicos que, em sua maioria, possui uma renda incompatível para custear viagens de turismo. O esporte é o meio que proporciona tais experiências, sendo elas muito significativas para essas pessoas. De acordo com os relatos do grupo estudado, a viagem para Vitória-ES, foi a experiência turística mais marcante, até o momento, pelos diferentes aspectos que uma viagem pode representar, como conhecer lugares e pessoas, aliviar o estresse, passear, viajar de avião, tomar banho de mar, entre outras. Se, por um lado, viajam para competir, a viagem acaba proporcionando uma série de outras vivências e convivências sociais que não ocorreriam sem ela.

Na questão que relaciona as condições de acessibilidade, no que se refere ao transporte e à hospedagem, apresenta-se que: nas viagens, os deficientes físicos acabam se beneficiando da mesma infra-estrutura turística dos lugares, destinada aos turistas em geral. Ocorre que muitos dos espaços voltados ao turismo, como hotéis, restaurantes, meios de transportes e outras estruturas físicas, como passeios públicos e ruas, nem sempre são pensados para oferecer condição de acessibilidade para quem é usuário de cadeira de rodas.

As barreiras físicas encontradas pelos deficientes físicos ainda são muitas, como a falta de transporte rodoviário adaptado e falta de acessibilidade no embarque e desembarque em alguns aeroportos, como relataram os participantes do estudo. Informaram que, frente às barreiras, procuram superá-las com estratégias adaptadas, para poderem desfrutar um pouco mais das viagens que realizam. Essas estratégias, segundo os participantes da pesquisa, muitas vezes

exigem esforço e superação, pois quase sempre ficam na dependência da boa vontade e da disponibilidade de pessoas para auxiliá-los. Costumam se adequar às situações com as quais se deparam, embora nem sempre possam experimentar a independência na resolução das tarefas do cotidiano, necessitando vez por outra de auxílio de alguém, principalmente no que se refere à superação das barreiras arquitetônicas.

As barreiras físicas e arquitetônicas mais citadas pelos participantes do estudo são: difícil acesso aos banheiros nos hotéis e transporte em ônibus não adaptado. Os direitos dos deficientes são garantidos por lei, mas a garantia de ser efetivado tudo o que está escrito ainda está distante de se tornar realidade, ao menos no nosso contexto sociocultural.

De acordo com as regulamentações de acessibilidade para portadores de necessidades especiais, o desenho universal é o principal aspecto que deve ser implantado. Ele tem uma proposta de que a sociedade estaria projetada fisicamente para atender às necessidades de todos os seus cidadãos.

É importante sinalizar que a realização de uma pesquisa etnográfica favoreceu a possibilidade de um acompanhamento mais sistemático das ações do CIDeF. Estando a pesquisadora envolvida em suas atividades, contribuiu para que pudesse ver e ouvir como é a vida de deficientes físicos, suas dificuldades e suas conquistas. Os diálogos são abertos, sem receios de perguntar e eles, de responder. Criou-se um vínculo de confiança entre a pesquisadora e os integrantes do CIDeF. Fazer parte do grupo está sendo muito gratificante, pois entende-se que se pode contribuir mais efetivamente para que essas pessoas sejam incluídas na sociedade em todos os seus segmentos.

O fato de esse grupo sair para viajar também serve para que a sociedade perceba que o deficiente existe e que não se pode mais negar que ele quer ocupar seu lugar de direito, quer ter acesso à educação, ao trabalho, à saúde e ao lazer com qualidade e sem empecilhos. Sabe-se que as mudanças sociais são lentas, mas elas são possíveis e podem ocorrer mais rapidamente na nossa sociedade, basta que haja ações políticas e atitudes que incitem as mudanças.

A moderna arquitetura não pode mais ignorar a presença dos deficientes ao projetar prédios e meios de transporte, como se eles nunca fossem utilizar esses equipamentos, por exemplo. Ficou demonstrado aqui que os deficientes viajam e fazem turismo. Então, não se pode mais negar a necessidade de buscar qualidade nos serviços prestados, para que lhes seja oferecido conforto e para que sintam liberdade e satisfação no seu dia-a-dia, minimizando o constrangimento característico da própria condição.

Referências bibliográficas

ADAMS, Ronald et al. **Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico**. 3. ed. Barueri: Manole, 1985.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, **NBR 9050:1994, NBR 14022:1997**. Coletânea de Normas de Acessibilidade para Pessoas Portadoras de Deficiências. Rio de Janeiro: ABNT, 2001. 94p.

_____, **NBR 15320:2005**. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br/manual-acessibilidade.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2006.

CIDeF. Centro Integrado dos Portadores de Deficiência Física. **Material de divulgação**, recebido em 2005.

GÓMEZ, Maria Fernanda. **Grupos turísticos y discapacidad**: pautas, atención y diseño. Buenos Aires: Ediciones Turísticas de Mario Banchik, 2004.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

PERTILLE, Iara. Deficientes físicos usuários de cadeiras de rodas – uma reflexão. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, III., 2005, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: UCS, 2005. 1 CD-ROM.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____, **Conceitos de acessibilidade**. Disponível em: [HTTP://www.escoladegente.org.br](http://www.escoladegente.org.br). Acesso em: 15 abr. 2005.